

R. Xavier da Silva
Doenças da garganta, nariz e ouvidos
CLINICA GERAL
Das 3 ás 5—Rua da Palma, 133, 1.º

GRANDE DEPOSITO
DE
MOVEIS DE FERRO

COLCHOARIA
DE
JOSÉ A. DE C. GODINHO

54, Praça dos Restauradores, 56 — LISBOA

SALVADOR VILLARINHO PEREIRA
Clínica Geral — Partos
R. de S. Roque, 67, 1.º — Das 3 ás 5 da tarde
TELEPHONE 1573

ALBERTO FERREIRA
MEDICÓ-CIRURGIÃO
Rua Maria Andrade, 10, 2.º-D.
Consultas das 10 ás 11

ANACLETO DE OLIVEIRA ♦ ♦ ♦ ♦
♦ ♦ MEDICO-CIRURGIÃO ♦ ♦
♦ ♦ ♦ ♦ R. S. Vicente á Guis, 22, 1.º

LUZ KITSON
Petroleo por incandescencia
A mais brilhante, a mais economica
Sem cheiro nem fumo, **L. M. LILLY**, succesor.
R. dos Retrozeiros, 35, 1.º-D.

Januario & Mourão
OURIVESARIA E JOALHARIA
Grande quantidade d'artigos em estojo proprios para brindes, desde 15000 réis, joias com brilhantes usados, ouro e prata a peso.
Importação directa das fabricas.
PREÇO FIXO
Rua da Palma, 86, 88, 90, 92 e 92 A

MOTORES DE AR QUENTE

Para tirar agua, substituindo com vantagem as noras e os moihos de vento. **L. M. Lilly** Succesor, R. dos Retrozeiros, 35, 1.º, -D. Lisboa.


EXPOSIÇÃO DE LOUÇA DAS CALDAS
Arte decorativa
Artigos para brindes

GATO PRETO
Rua de S. Nicolau
(Esquina da R. do Crucifixo)

Pharmacia do Instituto
Pasteur de Lisboa

Productos esterilizados, especialidades nacionaes e estrangeiras, reccuatorio.

Rua Nova do Almada, 86 a 90
Em frente ao mesmo Instituto

JAZIGOS DE CAPELLA
A 200\$000 reis
8 Logares
Rua da Assumpção, 12 — J. A. CRUZ

LOUÇAS-VIDROS-TALHERES
QUASI DE GRAÇA
SÓ NA CASA DAS LOUÇAS
33, RUA DA PALMA, 35
Pedro Carlos Dias de Sousa

JULIO GOMES FERREIRA & C.ª


Fornecedores da Casa Real
82 — RUA DA VICTORIA — 88

Exposição permanente
166 — RUA DO OURO — 170

Instalações completas para agua gaz e electricidade
Grande sortido de lustres em todos os generos



As cartas dos consolentes devem vir accompanhadas da respectiva **SENHA DE CONSULTA**, e satisfazer aos seguintes requisitos:

- «Nome de batismo; iniciaes dos sobrenômes e apelidos.»
- «Anno, mês, dia e hora, se possível fôr, do nascimento.»
- «Côr da péle, dos olhos, dos cabelos.»
- «Altura aproximada, estado de magrêza ou de gordura, comprimento exacto dos dedos da mão esquêrda, tomado do lado da palma da mão; se os labios são finos, delgados ou grossos, carnudos, espessos; sinaes da péle, congénitos ou adquiridos, cicatrizes. Dimensões aproximadas da testa, feitiço do nariz. (Um retrato tirado de frente e outro de perfil, seriam excellentes dados.)»
- «Doenças anteriores á consulta. Saude dos paes. Se tem muita ou pouca força muscular e qual o estado de sensibilidade da péle.»
- «Falando ainda dos cabelos será bom dizêr se são macios ou asperos. As veias que se divisam atravez dos tegumentos são cheias e azuladas?»
- «E' alegre, agitado, vivaz, inconstante, facilmente irritavel,?»
- «Adora o prazêr em todas as suas manifestações? Quaes as distrações que prefere?»
- «Tem tendencia para a violencia, para o despotismo?»
- «E' cabeludo ou glabro?»
- «Quaes os caracteres da marcha? Costuma andar deprêssa, devagar, a passo largo, a passo curto, com gravidade, baloiçando o côrpo?»
- «Qual é a posição habitual da mão quando caminha? Fechada, semi-aberta, aberta? Tem por habito levar repetidamente a mão á frente, aos olhos, á boca, ao nariz, ás orelhas?»
- «Caminha de mãos nas costas, nas algibeiras? Esfrêga-as muito? Costuma-lhes fazer estalar os ossos? Leva repetidas vêzes a mão ao peito?»
- «Dorme com as mãos fechadas, semi-cerradas, abertas? E' tremulo?»
- «Ha frisante contraste entre a côr dos cabelos da cabeça, da barba e das sobrancelhas?»
- «Gosta de flôres, de fructos? Quaes os preferidos?»

Alem destes esclarecimentos, poderão os srs. consolentes enviar-me quaesquer outros que julguem convenientes. A todos garanto o mais absoluto segredo, a mais completa discrição.

COMPRA

Tiragem 6.000 exemplares.

AZULEJOS

*Semanario illustrado
de Sciencias, Lettras e Artes*

Proprietario e Director: PALERMO DE FARIA
 Director Scientifico: ANACLETO R. D'OLIVEIRA
 Secretario da Redação: BENTO MANTUA
 Administrador: XAVIER DA SILVA

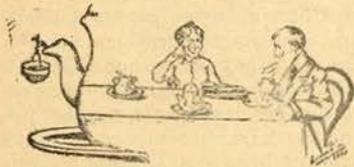
Redacção e Administração:
 C. do Jogo da Pella, 6, 2.º
 LISBOA

Officinas d'impressão e composição
 A Liberal — R. de S. Paulo, 216

Segunda-feira
4 DE MAIO DE 1908

CONDICÕES DE ASSIGNATURA
 (Pagamento adiantado)
 SERIE DE 15 NUMEROS
 Lisboa e provincias..... 300 rs
 Colonias 400 •
 A cobrança pelo correio é augmentada
 de 60 réis.

CONDICÃO AVULSO 20 RÉIS



CHÁ E TORRADAS



Companheiros e Amigos

Não vos ensinarei a temer nem tão pouco a desprezar esses poucos portuguezes.....

Começava assim um celebre discurso feito, em tempos que já lá vão, pelo commandante das forças indianas que cercavam uma pequena fortaleza em que, um punhado de bons e valentes lusitanos, se haviam entrincheirado e onde estavam decididos a defender até á morte o pendão das quinas.

N'este momento d'uma solemnidade, talvez maior ainda, ou pelo menos tão grande, poderia repetir as mesmas palavras com ligeirissimas modificações.

Collegas e amigos, o vosso procedimento para comigo é inqualificavel. Pois sabem que uma doença repentina atira com o meu desventurado corpinho para a cama e me deixa a tremelicar; veem a parca implacavel de thesoura em punho e com as melhores disposições de cortar o fio da minha existencia e repentinamente, logo que começo a dar signaes de que ainda estou capaz d'outra, intimam-me com uma

ferocidade, que nem eu sei qualificar, a escrever o chá e torradas, como se não fosse muito mais facil beber o chá e saborear as torradas do que fabricar esta petisqueira para os leitores do *Azulejos* que, certamente,

Mascaras illustres



Victor Hugo

estão já fartos e refartos de me aturar.

Eu tinha um recurso e não era mão; deixa-os sem chá e sem torradas, fazer parede, declarar-lhes terminantemente que não me sentia disposto.

Mas não tenho, felizmente, a balda de pregar peças aos amigos e, limito-me a chorar amargamente a

falta de caridade com que tratam um simples mortal que não tem a pesar-lhe na consciencia a mais leve culpa e poderia até afirmar, sem receio de ser contraditado, que é tal qual uma pomba sem fel.

Mas um protesto aqui lhes faço, solenne, sollemnissimo, e fixem-no bem no pensamento: Não tenciono tornar a adoecer, já mandei vir o elixir de longa vida e, a primeira dose vae seguindo o seu caminho e produzindo os naturaes effeitos; com mais cinco ou seis como esta volto aos vinte e cinco annos e, então, fallaremos.

Venham pedir-me chá, exijam as torradas e fiquem certos de que hão de apanhar um café manhoso e umas torradas tão duras, tão duras, que decerto perderão o vicio, para não dizer a maldade, de obrigarem um desventurado convalescente a trabalho que, sem a menor duvida, é superior ás forças de que dispõe.

Fiaram-se na minha bondade, convenceram-se de que melhor do que eu só algum seraphim da côrte celestial e...

Pois fizeram mal; o tempo das santidades vae passado, os milagreiros são poucos e, para se conseguir alguém beatificado é preciso perder o amor a muito dinheiro, e tanto que chegaria certamente para se erigir um monumento collossal e, ainda por cima, ter lampada accesa na casa de Méca, como quem diz em Roma.

Mas, emfim, ha cousas peores, muito peores e convenco-me de que a intenção não foi má.

Promettam que não tornam e perdoar-lhes-ha o attentado o vosso amigo.

JOÃO PACIFICO.



NOTAS SCIENTIFICAS

Chronica

A GULA

«E' mister comêr para vivêr e não vivêr para comêr». Maxima de avarento que muito alegrava Harpagão e que, em scena, produz sempre grande efeito comico. Maxima de higienista, afinal de contas, que deveria constituir lei para as quatro quintas partes da Humanidade.

E' fora de duvida que comêmos em demasia e que o excessivo pêso alimentar, com que abarrotâmos o organismo, favorece o desenvolvimento das doenças por afrouxamento da nutrição, chamadas assim, porque o paciente quiz forçar e exagerar a referida nutrição.

Que tudo isto, afinal, não passa do pretexto hipocrita a beneficio do qual desejamos ocultar uma das nossas grosseiras paixões.

O alcoolico desculpa-se do vicio de bebêr vinho, dizendo que este liquido dá forças; o gulôso come em excesso, alegando tambem que necessita fortalecer-se.

E' absolutamente necessario que cada um de nós tenha a franqueza dos defeitos que possui. Entre estes, dois ha capitaes: a gula e a luxuria. E' a êles que devêmos a velhice e o esgotamento precoces. Verdade sêja que, sem essas duas coisas, este vale de lagrimas nos não ofereceria o menor oasis, e que, bem considerado, o ascetismo nada tem de invejavel, mêsmo a preço de longevidade segura.

Tão longe vaê, porem, a nossa hipocrisia, que só bem raramente confessamos essas paixões dominantes e procuramos alindal-as, dotando-as de todas as graças sedutôras da belêza. O amor tem sido cantado em versos de todas as metrificações conhecidas, e a gula, verdadeira preversão do instinto da conservação, tem dado assunto a varias alegorias poeticas, mêsmo sem falar nas coplas de revistas e operêtas.

Para as damas: é defeito insignificante!

Para os padres: pecadillo!

Para os medicos: um fraco!

J' en passe

Esta concepção é absolutamente inexata. A gula é um defeito feissimo e horrivel que deturpa o moral e o fisico dos mortaes.

Pêlo que respeita ao moral, basta lembrar que tôda a paixão imperiosa imprime á mentalidade da sua vitima uma direcção deploravel, conservando-a numa sujeição continuada do-

minando-a em todos os actos e pensamentos.

No fisico, o efeito não é mênos desastrôso. Basta lançar os olhos para os célebres quatro quadros do afamado pintôr Boilly, para se fazêr idea nitida dos estigmas que essa terrivel paixão imprime nas feições, nos movimentos, emfim, em todo o feitio do gulôso.

Uns, no quadro *A Gula*, com a expressão da mais degradante bestialidade: olhos esbogaalhados, pupi-

MULHERES GALANTES



Labady

las dilatadas, labios inferiores estendidos e gestos mênos elegantes que os dum porco que, de cauda trepidante e grunhido sonôro, vaê devorando a *lavadura*.

Aqui enlambuzam se as mãos num pastel de trufas, ali, (Vendedôra de filhozes) enchem-se bôcas como o diabo encheria um caldeiro d'almas de condenados.

No quadro *Os que tomam gêlo*, veem-se as figuras darem á bôca o feitio especial de... do... da... como dirêmos sem faltar á consideração que votâmos ao leitôr... dum *posteriôr* de galinha que acaba de pôr ôvo, afim de ingerirem um sorvêto rapidamente (para pedir logo outro ao criado) e impedir que a substancia gelada toque nos dentes.

Os que comem uvas, (têla excelente), não teem as cerimonias dos precedentes, empurram o cacho lá para dentro com a ferocidade da hiêna ao deparar-se-lhe um ôsso de cadaver. Bago, grainha, pêle, pó, enxofre, microbios, tudo, tudo morre e desaparece no medônho abismo daquêlas cavernas de Caco.

Bem longe estamos da sobriedade evangelica e da temperança recomendada pelos preceitos evangelicos de todas as religiões. Isto, apesar de Noé não ter sido um abstinente, nem das bodas de Canaan se poderem comparar com um jantar de quaresma.

Outros tempos, outros costumes. A Idade Media tem as suas comensais gratuitas, a Renascença o seu

Rabelais, o seculo XVII os seus Bourbons, o XVIII os seus estroinas e o século passado e o presente tem-nos a nós, que não sômos, nem mênos glutões, nem mênos gulosos que os nossos antepassados.

Será bom, no entretanto nunca esquecer que, muitas vêses, a *pinga* é a mãe da *gota*.

DR. LUCIEN NASS (resumo).

ESPIRITISMO

Comunicação de Um Desconhecido

(Do volume II *Do Paiz da Luz*, no prelo)

(Conclusão)

Conhecem o que lhes convêm; mas, Tantalos da dôr, não lhe podem chegar porque o peso das suas accões más os não deixa guindar á altura onde está a felicidade.

E' um grande soffrimto! Não somos bastante maus que nos sintamos felizes na tentação permanente aos irmãos candidos e puros, que se deixam fascinar, nem que sintamos prazer em torturar, constantemente, a pobre humanidade terrena; nem somos sufficientemente bons que possamos sentir prazer na vida de sacrificio e de martyrio, que é necessaria para apagar-mos as nodoas negras, que a maldade consciente pôz no nosso perispírito ou no nosso envoltório, na sua passagem pela terra.

E então por aqui vamos errando, affictos, desorientados, ora cedendo ás tentações e conselhos dos maus, ora procurando, afflictivamente, nos conselhos e no amparo dos nossos guias, a força para reagirmos e o estimulo para nos melhorarmos,

Foi por uma tentação ruim que te procurei; e foi cedendo a uma acção mais forte do que a minha e a de todos os meus deploraveis companheiros veadicos, que tive que dizer-te o que acabo de dizer!

Parece-me que faço n'isto um grande bem, pois que me sinto feliz. Do que provirá essa felicidade:—do convívio contigo, ou do acto que pratico? Não sei; o que sei é que tendo começado a escrever isto sob a pressão esmagante de vontades superiores á minha, fui, pouco a pouco, sentindo desejo de prolongar a escripta; e só sinto não ser tão claro na exposição e tão convincente na forma, que levasse a luz a muita alma obscurecida que por ahí existe, ao mesmo tempo que prolongasse indefinidamente esta situação de indissivel bem estar e consolação, em que me encontro n'este momento!

Deus! permite que este acto meu se transforme no primeiro acto bom d'aquelles que me libertem e corrijam!

UM DESCONHECIDO.



O Tamborsinho Sardo

POR

Edmundo de Amicis

(Continuação)

E neste anceo, ouvia o zunido e o estrondo das balas nas salas de baixo, as vozes do commando dos officiaes e sargentos enraivecidos, os lamentos angustiosos dos feridos, o estalido dos moveis que se partiam e o rumor produzido pela calica que se desprendia das paredes.

—A'vante! coragem!—gritava, seguindo com a vista o pequeno tambor —mais... mais... corre... ávante... corre!... Lá pára o maldito! Bem, torna outra vez a correr!

N'isto um official veiu dizer-lhe, offegante, que os inimigos, sem interromper o fogo, desfaldavam uma bandeira branca, impondo assim a rendição.

—Não se responde!—gritou elle, sem desprezar os olhos do rapaz que já entrára na planicie, mas andando vagarosamente e parecendo arrastar-se a custo... —Mais! mais! corre!... vociferava o capitão, cerrando os dentes e os punhos. Mata-te... morre, scelerado, mas chega! Depois soltou uma imprecação horrivel, e continuou: —Ah! o infame poltrão sentou-se!

Effectivamente o rapaz, cuja cabeça até então se descobria por cima de um campo de trigo, desaparecera como se tivesse caído.

Passado porém um momento reapareceu ainda uma vez, furtivamente, para perder-se de novo entre os silvados... e o capitão não o viu mais.

Desceu então precipitadamente; sa-raivavam as balas, as salas estavam atulhadas de feridos, alguns dos quaes cambaleavam como ebrios, agarrando-se aos moveis despedaçados que encontravam; as paredes e o pavimento estavam manchados de sangue, e os cadaveres amontoavam-se ás portas, O tenente tinha o braço direito partido por uma bala, e o fumo e a poeira envolviam tudo.

—Coragem! gritou o capitão. Cada um ao seu posto! Chegam-nos soccorros, vá, ainda um momento de coragem.

Os austriacos tinham-se aproximado mais, viam-se de cima, atravez do fumo, os seus rostos enraivecidos; ouvia-se o estrepito das descargas, e os gritos selvagens acompanhados de ameaças de exterminio com que insultavam e intimidavam a rendição.

Se algum soldado menos corajoso se retirava da janella, os sargentos empurravam-o para a frente; mas o fogo

da defeza ia enfraquecendo, o desanimamento manifestava-se em todos os rostos, e não era possível prolongar a resistencia.

N'um momento dado os tiros dos austriacos afrouxaram e uma voz trovejante bradou, primeiro em tudesco e depois em italiano:

—Rendei-vos!

—Não! nunca!—urrou o capitão de uma das janellas.

E o fogo recommençou mais vivo e mais furioso das duas partes. Cairam mais soldados; já havia janellas sem defensores. O momento fatal estava eminente, e o capitão gritava com voz presa, entre os dentes:

—Não vem! não vem!... E corria

Modas e Confeccões



em torno, furioso, torcendo a espada nas mãos convulsas, resolvido a morrer no seu posto.

N'isto um sargento, descendo do sótão, exclama em altos gritos:

—Ahi vem soccorro!...

E o capitão n'um brado de alegria repetiu:

—Ahi vem soccorro!...

A'quella voz, todos, são, feridos, sargentos e officiaes, se dirigiram para a janella, e a resistencia tornou-se mais feroz ainda. Passados momentos notou-se entre os inimigos como que uma tal ou qual incerteza, e um principio de insubordinação. De repente, o capitão, furioso, reuniu alguns homens n'uma sala do rez do chão para esperar o inimigo á baioneta calada. Voltou ainda acima e mal tinha chegado quando se sentiu o estrepito de passos precipitados, acompanhados de um *hurrah* formidavel, e se viu das janellas, por entre o fumo, aproximarem-se os chapeos de dois bicos dos carabineiros italianos, um esquadrão de cavallaria a todo o galope, um relampejar vivissimo de laminas espargindo scentelhas que caíam sobre as cabeças, os hombros e as costas dos soldados. Os sitiados então, abrindo repentinamente a porta, irromperam de baioneta calada, e os inimigos, vacillantes, em desordem, voltaram costas fugindo.

(Continúa)

Menina e Moça

IV

Beijo-te os olhos, beijo-te os cabellos, Milhões de beijos tenho p'ra te dar... E milhões que te dê nos olhos bellos Ficam outros milhões por te não dar!

Vê lá tu como são os meus anhellos N'esta chamma d'amôr a crepitar... Este fogo é maior que o dos Othellos, Ninguem no mundo o pôde egualar!

Eu tenho beijos para minha mãe, Eu tenho beijos para minha irmã, E beijos tenho para quem não tem:

Poisei — abelha d'oiro — n'uma flôr, E fabriquei o doce mel do amôr Que cohi dos teus labios de romã!

V

Trago-te sempre no meu pensamento, Levas-me sempre pela tua mão; E não passa do dia um só momento Que junto ao meu não vá teu coração.

Comtudo uma distancia nos separa, Uma distancia que não sei contar, Porque esta ancia que corre e nunca pára A mais e mais te vê distanciar.

E lá da Torre de Marfim, a tua Vozita aguda e triste como a Esp'rança Em vão me chama e em torno a mim fluctua.

E' que tu és, ó meiga como um cicio, A rosa da Innocencia e eu o Vicio: —A Perfeição que o Rude não alcança!

VI

Não tivesse eu o dom que vem de Deus, O dom da lyra d'oiro que dedilho; Não voasse a minh'alma aos altos Ceus Como quem segue um luminoso trilho...

Não amasse eu a Fôrma da ballada, — Filigrana de luz de Portugal — Que não teria a sina desgraçada De Camões, Bernardim ou de Crisfal!

Foi para isto, ó Mãe, que me geraste! Para isto ai de mim! que me criaste, N'um sonho todo feito de belleza!

—Menina e Moça, perola d'amôr: Antes eu fosse um simples cavador E tu uma morena camponeza!

Abril-1908.

ASTRIGILDO CHAVES.

Pensamentos

Não realisa grandes coisas quem se preocupa demasiado nas pequenas.

LA ROCHEFOUCAULD.

O estado deve dirigir a sociedade.

ARISTOTELES.

Maldito seja o homem que confia no homem.

JEREMIAS.

No mundo não tem boa sorte senão quem tem por boa a que tem.

LUIZ DE CAMÕES

A MULHER

Examina bem a consciencia, e diz-me qual é para os corações puros e nobres o motivo immenso, irresistivel das ambições de poder, de abastança, de renome?

É um só — a mulher: é esse o termo final de todos os nossos sonhos, de todas as nossas esperanças, de todos os nossos desejos.

Para o que encontrou na terra aquella que deve amar para sempre, aquella que é a realidade do typo ideal, que desde o berço trouxe estampada na alma, a mira das mais exaltadas paixões é a aureola celestial que cinge a fronte da virgem, idolo das suas adorações.

Para o que anda por assim dizer perdido nas solidões do mundo, porque ainda não descobriu a estrella polar da sua existencia, o astro que ha-de illuminar a noite do coração, como o sol com os seus primeiros raios illumina as trevas de um templo — para este, a mulher é uma idéa vaga e çonfusa, mas brilhante, formosa e querida. Não a conhece, não sabe onde esteja a imagem visível da filha de sua imaginação, e todavia é para lhe pôr aos pés a gloria, poderio, riqueza, que elle cubica tudo isso.

Tirae do mundo a mulher e a ambição desaparecerá de todas as almas generosas. Realidade, ou desejo incerto, o amor é elemento primitivo da actividade interior; é a causa e o fim, o resumo de todos os humanos affectos.

ALEXANDRE HERCULANO.

Guitarra de Romanol

11

O teu amor leonino,
Ardente chama do Averno,
Dava-me um rico varino
P'ra me abrigar no inverno.

12

Um typo de siso falto
Que muito saber proclama,
Faz lembrar um chapéu alto
N'uma creança de mama

13

Na minha vida maldita
Um só amor conheci:
Foi o amor da desdita
Que nasceu quando nasci.

14

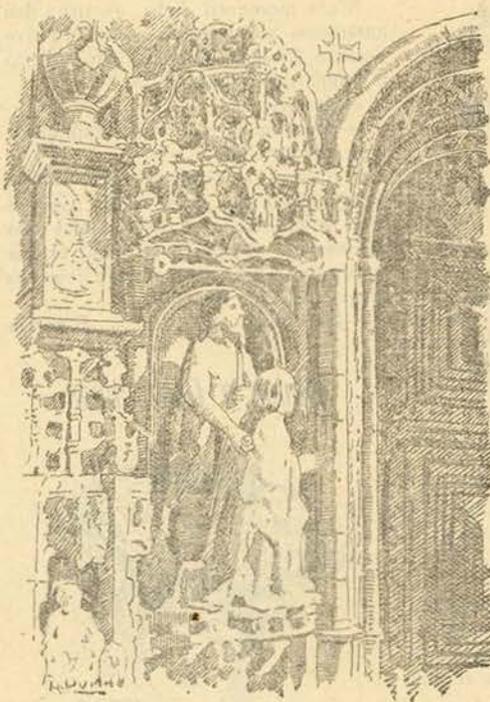
Vibrando a setta com arte,
Cúpido sereno e mudo
Faz mais destroços que Marte
Com 'spadas canhões, e tudo.

15

A Caridade descerra
Das trevas o negro veu:
Dá-se uma esmola na terra,
Nasce uma estrella no céu.

Portugal pittoresco

A TI



UM TRECHO DOS JERONYMOS

Se o teu amor,
Rosa em botão,
Fôsse sincero,
Do coração,

Já n'este mundo
Nada mais qu'ria
Que teu amor,
Linda Maria;

Dentro do peito
Júbilo santo
Eu sentiria,
Meu doce encanto.

Sê carinhosa,
Minha querida;
Tem dor, donzella
D'alma dorida!

Eu antes quero
Tua alma pura,
Do que te qu'ria
Com mui ventura!

Porto 1908

MANOEL PINTO FERREIRA.

Veja o grande
concurso do Azulejos.

COMEDIANTES

II

Lucinda Simões

Eis uma artista que, se fosse filosoficamente orientada, muito teria feito em favor do alevantamento do teatro português.

Toda a sua vida artistica tem sido um esbanjamento de energias que, conscientemente aproveitadas, ajudariam a transformação precisa á arte dramática nacional.

A Lucinda Simões cabem duplas responsabilidades do atraso em que o nosso teatro vive. Como directora e empresaria nunca deu incentivos nem alentos á moderna literatura portuguesa. Antes pelo contrario. Quando as circumstancias lhe abriam as portas de qualquer casa de espectáculos, era a primeira a ir buscar peças estrangeiras e a faz-las representar com devotado amor.

Se essas peças fossem duma humanidade flagrante, como são as de Ibsen, Bjornson, Hauptman, Suderman, Max, Halbe e Strindberg, que nos viessem abrir os olhos para os levar a ver o mal colectivo, que nos dissessem quanto e como se sofre por esse mundo além, que fossem duma arte purificadora do modo de ver da vida em sociedade, vida baseada em hipocritas convenções, tula se comprehendia a dedicação da escolta, tula merecia aplausos o carinho com que foram encenadas, mas voltar costas aos nossos escritores de intenções sinceras, aos dramaturgos novos de idéas novissimas, é realmente para lamentar que Lucinda Simões assim desperdigasse o seu natural talento.

Quem ganhou com a exhibição de Madame Sans-Gêne? A arte interpretativa dos nossos artistas? Não nos parece. Algumas se fartaram de errar, o que não admira, dada a falsidade dos caracteres da commercial obra de Sardou. O publico? Também não. Não recebeu da peça orientação alguma porque as figuras são decorativas e o que é decorativo só agrada aos olhos. O mesmo aconteceu com

o Cyrano de Bergerac. Veio dar algum ensinamento? Que saibamos, nenhum. Melteu-nos nos ouvidos versos ritmados; tirou-nos idéas que tivéssemos ao ouvi-los.

Lucinda Simões, como director a, só se impõe ao nosso reconhecimento de amantes dedicados pelo teatro, ao fazer traduzir e representar A Casa de Bonecas, (e não Casa de Boneca, como leigos lhe chamam), do grande dramaturgo Ibsen. Se os seus actos de gerencia se aquilatássem por aquê, então sim, veríamos a grande interprete da Thereza Raquin de Lola, contribuir para o engrandecimento da literatura dramática filosofica, a unica capaz de salvar o teatro português.

MARIO LAGE.

No proximo numero publicaremos o elogio — critica do actor Joaquim de Almeida.

— Ficção —

Descêra toda a escãla essa escultura
Sensual e ardente. O olhar amortecido
Reflecte um coração já perverso
N'essa mulher tão linda e tão impura.

Porem, um dia, um homem, no calor
D'uma paixão ardente e virginal,
Arranca n'um impulso ao lodçal
A impudencia a maculada flôr.

E louco, após, mas com amor, com pêo,
Salva-a, redime-a no mais puro beijo,
'streitando ao peito a que tornou mulher

E eu vejo venturosa a redimida,
— Manon impura — agora convertida,
A rir... — chorando! — em seu feliz viver.

Ermezinde, 3-4-908

HUMBERTO BEÇA.

ARTE

DE

TEATRO

A propósito da *Mã Sina*, episódio dramático, em 3 actos, original português de Bento Mantua, e da revista *A B. C.*, de Ernesto Rodrigues e Acacia de Paiva — Críticas e criticos — *O Pae*, trágédia em 3 actos, de Strindberg. T. D. Maria, 23 abril 1908.

As férias da Paschoa, obrigando-me a inesperada ausencia, de não permitiram que, como encarregado d'esta secção, assistisse ás primeiras representações da *Mã Sina* e do *A. B. C.* Honestos colaboradores meus, substituíram-me com vantagem na ingloria tarefa, e, depois de ver a primeira na sua 6.^a recita, e a segunda na sua 10.^a, depreendo que acertaram. Inda bem. Dou-me por feliz. Tanto mais que nelles busco amparo que me valha, bordão a que me encoste sem perigo de molestar-me.

Como amigo que sou de tudo que diga respeito a teatro, não admira que procurasse sófrego as criticas da imprensa diaria e as lêsse com a sede dum impressionismo novo. Tratava-se da estreia dum moço autor — natural era que os zoilos lisboetas corressems léstos ao D. Maria e notificassem o advento da nova obra teatral, notando-lhe qualidades, apontando-lhe defeitos, recitando a fórma de os desbastar; censurando o desempenho no que houvesse de mau, corrigindo-o com conselhos technicos, elogiando-o no que fosse de bom e perduravel; enaltecendo a encenação ou admoestando-a no que tivesse de postigo o falso ao passo que indicassem as emendas a fazer. A minha ingenuidade levou-me a divagar demasiado. Lidas e relidas, nenhuma me deu a ponta de fio que me conduzisse a saber o que era, finalmente, a *Mã Sina*, qual o mobil do seu autor e se o desempenho estaria á altura da interpretação requerida pela peça. Conclui, desalentado, que não houvera critico que acertasse com o fundo filosofico do episodio, embora alguns por já andassem tão perto que me admira se não queimassem. Sim, porque a idéa geradora da *Mã Sina*, lembra um forte brazreiro que elevasse a chamma para que todos a vissem bem. Quanto ao desempenho, a critica foi como costuma ser; empregou chavões velhos e relhos: «... não desmancharam o conjunto... concorreu para o bom exito da peça... etc. etc.

Antes de entrar de analisar, esmiuçando, a *Mã Sina*, permitam-me os pacientes leitores um aviso indispensavel.

Como é sabido, o sr. Bento Mantua, é o secretario da redacção deste semanario. Além de possuir este logar, é meu amigo pessoal e ex-condiscipulo. Todas estas agravantes seriam talvez sufficiente motivo para me encontrar entre Scylla e Caribides, isto é, perfeitamente manietado entre o dever de analista imparcial e o sentimento de amigo dedicado. Felismente não me encontro em tão dúbia situação. Direi o que tenho a dizer com a consciencia de que serei verdadeiro, segundo o meu criterio, sem vislumbre de gesto cathedratico ou dicção empolada do *magister dixit*.

E para tornar factó o que pode parecer discurso, começarei por fazer a seguinte observação a Bento Mantua: E' bem feito o que a imprensa tem dito da tua peça. Não vêes que, com raras excepções, o *cliché* cri-

tico é o mesmo: ignorancia dos principios mais rudimentares da arte de fazer peças e da arte de as interpretar? Vocês, autores dramaticos, é que são os culpados de que tal ignorancia desça do cerebro anti-esthetico de certos censores ao mudo linguado que vae a compôr. Se vocês, quando são atacados na sua obra, se defendessem das arguições criticas, abrindo polemica que denunciasses o lado da razão, já haveria mais um bocadinho de respeito e acertada censura. Assim não. Vocês, limitam-se a comprar o numero do jornal que lhes critica a obra, esboçam nos labios o rictus do despeito, fecham os olhos como que a reter o nome do zoilo e, por vingança, cortam a local e guardam-na a sete chaves. Ora... devem concordar quanto é brando esse gesto aváro. E' por medo? Não o tenham, porque exceptuando dois ou tres criticos, os outros — pobresinhos! — ficam mudos como peixes. Horrora-me o ter de ir buscar fóra do meu paiz qualquer coisa de novo, mas entendo que os grandes exemplos não co-

lhe especie tal visita e perguntando quem era e a que vinha não obteve resposta. Já impaciente, meteu a arma á cara do desconhecido. Este, colocou o rosto para que a lua o iluminasse. Era Manoel que, «moldo de saudades» procurava a casa paterna. Pede a Antonio que o receba. O moleiro, recusa. Thomé insta e argumenta com razões de sentimento, o que obriga Antonio a dizer num crescendo d'ira:

— «Oh! Thomé! Pois es tu, que eu sempre tive na conta dum homem de bem e a quem sempre quiz como a um irmão, que assim me falla? Pois não sabes que elle matou? Não vêes que por mais que elle lave as mãos, háo de sempre cheirar a sangue?... E' um assassino, Thomé, é um assassino!...»

THOMÉ

Mas pelo seu crime gemeu na prisão e antes de matar... é teu filho.

ANTONIO

(*fôra de si*) Meu fi... nunca. Arre-nego-o. Só tenho um filho; é aquelle que está além. (*aponta a azenha*) O meu Pedro.

THOMÉ

Oh! Tonio, tu tresvalias! Olha que com esse falar estás a pôr bocca peçonhenta na honra d'aquella que foi tua mulher e que Deus quiz chamar a si.

ANTONIO

(*Completamente transtornado e num grito*) Que Deus quiz chamar, não. Que esse maldito Manoel matou ao entrar na vida.

THOMÉ

E a culpa foi delle? Não; tinha de ser. Elle é que nasceu com má sina! Depois tu nem sempre o viste com bons olhos... Arredaste-o de ti, muito novo e quem sabe?

ANTONIO

Quem sabe?... quem sabe? Sei eu. Elle desde pequeno foi ruim e, como ruim chegou a pontos de matar.

THOMÉ

E sabes lá se não teve razões para o fazer?

ANTONIO

(*com convicção*) Um homem de bem não mata nunca.

THOMÉ

Isso dizes tu porque nunca se te aferrou tal idéa, mas olha que quando ella nos toma... não ha de fugir-lhe... E depois quem te affiança que o Mané não está mudado?... Pobre d'elle! Contou-me a sua vida toda. E' de fazer doer tudo cá por dentro!

ANTONIO

Qual mudado, qual diabo! O lobo muda o pelo, mas não o vês. (1.^o acto — Cena IV).

Thomé, não consegue convencê-lo. Pedro que ouvira, ao sair da azenha, a conversa renhida intercede para o que o pae dê licença. O moleiro convence-se por fim e Thomé vae de corrida buscar Manoel. Numa scena de permissão, Antonio faz ver ao filho predileto que seu irmão traz «desgraça consigo» ao que Pedro responde: «se o pae o tivesse conservado junto de si, talvez...» (Cena V).

Chega Manoel, triste, cabisbaixo, receioso de defrontar-se com seu pae. Pedro recebe-o de braços abertos. O moleiro com manifesta indifferença repulsiva. Ao fim de longo convencimento, Antonio, estende, a custo, os braços ao recém-vindo. A repulsa continúa, Manoel quer que o pae oiça da sua bocca o que o levou a matar:

— «Quando ha oito annos estive aqui, de

Figuras do Palco



Actriz Judith de Mello

(Do theatro do Gymnasio

nheçam idiomas. Quanto mais não seja, sigam a rôta de Brioux, que tosou — literariamente, é claro! — Catulle Mendés, por este ter criticado no *Journal* a sua recente produção *Simone*, a qual não percebera o fundo moralizador. Tanto mais que o nome do critico é respeitado, o que duplicou o valor da refutação. Ou então facam como Arthur Bernède, autor de *Nos Magistrats* que ao ver-se incompreendido, saltou ao palco e, antes de levantar o panno para a sua obra, conferenciou sobre o seu trabalho. E a critica emmudeceu... E' o que tu, Mantua, deverias já ter feito. Mesmo que da tua parte maior lição seria visto quase toda a critica te julgar menino e moço... E a verdade é que todo o artista que não defende a sua obra desperta duvida de que fosse consciente ao insuflar vida ao que se tornou publico.

Agora toca a dizer o que é a *Mã Sina* — condição indispensavel para as precisas conclusões.

1.^o acto: Antonio, velho moleiro do Ribatejo, tem dois filhos: Pedro e Manoel. O segundo nasceu á custa da vida de sua mãe, victimada por mau parto. Pedro, é o ai Jesus de seu pae, enquanto o irmão leva vida nomada, sem carinhos. Thomé, guarda de vinhas, vem prevenir Antonio, de que lhe irá contar um caso que muito o interessa e para o qual pede toda a atenção. Estando, na vespera, no seu serviço noturno, notou que um vulto se aproximava da azenha. Fez-

volta da serra, donde abalei por morte do pastor. — honrado velho. Que a sua alma esteja em descanso! — botei todo o sentimento em ir ganhar a vida e daqui me fui com o coração cheio de fé. Andei um tempo sem ter onde moirer — pouco foi — té que um dia, pelas ceifas, topei que fazer numa herdade do Alemtejo. Nem calculam com que *ralé* me atirei ao trabalho! A gente da ceifa era em barda, mas eu, em pouco tempo, ganhei fama de ser o melhor ceifeiro! Entre as mulheres da *malta*, havia uma raparigueta muito nova, loira, como uma espiga madura, branca como o leite, e com uns olhos tão azues e tão serenos que faziam alembrar uma noite de verão. Pouco falava e cantava inda menos. Por isto e mais por fazer pouco della, a gente da *malta* começou de chamar-lhe: «a *princeza*». Atiraram-lhe á cara risadas de troça, chamaram-lhe o que muito bem queriam, e ella, tudo soffria calada. Nunca lhe dei a palavra, nem ella a mim, mas sentia roer-me de pena cá por dentro sempre que estavam a fazer pouco da pobresinha. Uma tarde, ao largar do trabalho, o *manageiro*, tipo ruivo, de olhar vêsgo e desconfiado, alto como um pinheiro, forte como um touro, abeirou-se da «*princeza*» e quiz fazer-lhe uma festa na cara. Ella empurrou-o com áscio. Vae elle voltando-se grita: — «Eh! gente! Vocês não veem como a *princeza* está arisca!» E mais perto d'ella diz-lhe: — «Andas para ahí a chegares-te aos homens como cadella aluáda e estás-te agora a fazer de santa! Pois has-de ser minha por bem ou por mal e mesmo aqui, deante de toda a *malta*.» As faces da *princeza* pozéram-se da cor do sangue, vi as lagrimas a baillarem-lhe nos olhos. E a *malta*, toda ella a rir com as palavras do *manageiro*.

THOMÉ

Malvado!

PEDRO

Alma ruim!

MANOEL

(com certa aversão) Se elle era ruço!... elle era ruço...

ANTONIO

(interessado) Ao depois?...

MANOEL

Ao depois elle avançou para a *princeza* e ia a toma-la nos braços, quando eu, cego como a toupeira, me ponho de um salto entre os dois.

PEDRO

Bem andaste... bem andaste...

MANOEL

O *manageiro*, ao ver-me, mediu-me de alto a baixo e desanda a rir, bem como toda a *malta*. — «Toca-lhe com um dedo, se és capaz! lhe digo eu». — «Se sou capaz?» respondeu elle ao meu desafio, cuspindo para o lado com desprezo — «Atreve-te... anda...» — «E' o que vaes vêr» — e nisto, avança para ella. Então, sinto uma onda de sangue a turvar-me a vista e arremetto com elle. Começou a briga. Agarrámo-nos praguejando, apertámo-nos, mordêmo-nos, os nossos olhos feriram lume, de raiva; as nossas boccas espumavam fel, vergámos, cahimos por terra, para ali, como um novêlo, reboámos qual debaixo qual de cima, té que eu, num arranco damnado, bóto-lhe rapido as mãos ao pescoco. Elle tenta escapar-me aperto-lhe as guellas; crava-me as unhas, aperto mais; rasga-me as carnes, aperto sempre; esbugalha os olhos, aperto ainda; extrebuxa, aperto á má alma, e mato-o, mato-o como a um cão. (*mostra pela cara e pelo tremor não o pesar de ter morto o manageiro, mas o pavor que lhe causa o recordar aquella morte. Depois d'uma transição*) Foi assim... foi assim...

PEDRO

Valente lucha!

MARIO LAGE.

(Continúa)

PELAS ARENAS

CHRONICAS TAURINAS

Muitos contos de réis, segundo é fama, tem custado a ganaderia ao sr. Marquez de Castello Melhor, e, pena é dizel-o á parte as lindas estampas de touros e vacas que possui, é uma raça quasi desaproveitavel.

Cuidando d'ella com entranhado amor, adquirindo sementaes dos de maior nomeada, não tem o illustre titular sido feliz nas cruzas, pois que a maioria de seu gado bravo comquanto não accuse todas as más intenções e todos os predicados d'uma raça abastardada, pode bem afirmar-se que quasi é composta de mansos, apesar, de, como acima se disse, não haver em Portugal lavrador que possua mais lindos exemplares de touros de lide. Se em Hespanha o gado do sr. Marquez de Castello Melhor consegue fazer figura ao lado do de alguns lavradores do visinho reino, o mesmo não succede nas nossas arenas, onde o genero de lide é muito outro, apesar de o não parecer aos profanos.

Pouco feliz foi o sr. Antonio Luiz Lopes, de Villa Franca, ao adquirir semelhantes bichos para o inicio da sua ganaderia, pois, dos dez que foram corridos no dia 26 no Campo Pequeno a nenhum se pode qualificar de bom, visto que apenas o primeiro da segunda parte deu algum jogo ao cavalleiro Manoel Casimiro.

De todos os outros pode unicamente destacar-se o 7.º que bandarilhado por Manoel dos Santos e *Paqueta*, que veio em substituição de *Garroche*, demonstrou possuir alguma polvora, chegando mesmo a refazer-se á muleta de *Quinto*.

Com materia prima de tal natureza, claro é que não podia agradar o espectáculo.

Foram cavalleiros Manoel Casimiro e Morgado de Covas, e aquelle, que no primeiro touro teve muito trabalho para conseguir collocar um ferro á meia volta, e outro á garupa, toureou tambem o 6.º, o tal que queria dar mais alguma *pelea*, e que Manoel Casimiro podia ter melhor aproveitado dando-lhe lide diferente. Ainda assim faz-se applaudir.

Morgado de Covas, que estreiu um cavallo lindissimo, toureiu bem o 4.º podendo no 9.º estar melhor, se melhor lhe tivesse conhecido as intenções.

O espada *Quinto*, nosso muito conhecido, continua sendo o mesmo artista, frio, apathico, cauteloso, sem enthusiasmos. E' um grande bandarilhheiro, sabe-se e demonstrou-o na lide do 5.º, toureando-o com intelligencia e mestria, mas mostrando-se por demais receioso.

Com o capote e muleta não se mostrou o mesmo Joaquim Navarro que tanto temos applaudido.

Os nossos bandarilheiros diligencia-

ram agradecer, mas, francamente, com taes touros, não o conseguiram.

Um outro par de todos elles, havendo unicamente a mencionar-se um bom, no segundo, por Theodoro, que executou tambem uma gaiola excellente; outro de Cadete, dois bons quarteios de Manoel dos Santos, e um bellissimo par á volta, de Torres Branco, no ultimo, em que demonstrou o seu singular conhecimento das rezes. Thomaz da Rocha, que no 8.º



MANOEL GONZALEZ (Rêrre)

foi colhido aparatosamente, por dar o engano demasiadamente curto quando tentava um quiebro, desforrou-se depois com um magnifico quarteio.

Na bréga todos elles lidaram acertadamente; conhecia-se-lhes a vontade de *tapar* a maldade dos touros.

Os forcados, como sempre. Desunidos.

O sr. Jayme Henriques, que continua, por impedimento de Carlos Martins, a dirigir as corridas, manteve-se á altura dos seus conhecimentos.

ÉMECÊ.

Soneto

SIBERIA NOVA

Para o J. Simões Coelho

— Ser ou não ser! — E as multidões precisas

que se julgam perdidas vão passando...

— Importa lá que o Sol ande cantando

epopeias brilhantes e bemditas!

Nos circulos de Dôr, nas infinitas veredas da Desgraça vão clamando, — por não amar, soffrendo e blasfemando — as multidões exaustas e malditas.

Em vão a luz do Sol rasga o espaço, e a vidas as chama redemptoramente, — que é muito o scepticismo e o cansaço...

E fantastica e triste, — pela treva, sobre a neve calada e transparente, — Vai perpassando a tenebrosa leva...

Lisboa, Março, 1908

AUGUSTO CASIMIRO.

Madrugada

Vinha, rompendo o Sól. De entre a densa ramada despertavam cantando o melro e a cotovia, saudando alegremente a aurora que nascia refulgente de luz, de arômas perfumada.

A vida despertava; o campo revivia. E o bom trabalhador acarinhando a enxada, alegre e forte e são, co'a mente descuidada á terra vae buscar o pão de cada dia.

Do Camponez a esposa, a boa companheira, — ha muito já se ergueu —, sorri-se prazenteira ao filho que no berço acorda; e embeveceida.

Ao vel-o tão rosado e bello com a aurôra, erguendo ao céu o olhar, em prece muda implôra que Deus o faça bom, lhe dê saude e vida!

H. A. BACELLAR.

CURIOSIDADES

Limpeza das Garrafas — A lavagem das garrafas deve ser escrupulosa, sobretudo se algumas são já servidas.

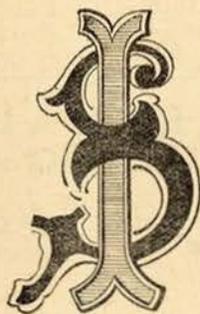
N'este caso convem livral-as de todos os depositos que, com o tempo, se tem agarrado ás paredes e ao fundo.

E' mau o emprego do chumbo de caça, que tão usado tem sido, com o fim de estabelecer no interior da garrafa um attrito, que despegue o deposito que as barra.

A disposição particular do fundo das garrafas retém intallados grãos de chumbo, que, com o vinho, podem originar principios nocivos á saude.

E' preferivel substituir o chumbo por areia grossa, só, ou misturada com um pouco de carbonato de soda, quando houver depositos de tartaro. Quando se empregar o carbonato deve ser quente a agua, lavando-se depois muito bem a garrafa com agua simples, por mais d'uma vez. Sem esta precaução alterar-se-ha a côr do vinho que se deitar na garrafa.

BORDADOS E RENDAS



Cumulos

Da imprudencia — Pisar a cauda d'um cometa.

Da religião — Confessar-se a um frade de pedra.

Desfraldar a bandeira da porta.

Ensebar o cubo da roda da fortuna.

FEITICEIRO DAS TREVAS

Consulente: *Angelica R.*

Bem equilibrada moralmente, leal, sociavel e tendo especial aptidão ao casamento, á vida matrimonial, ao home!

Peço-lhe que não ame demais: Vénus espreita a de braço dado com o patife do Saturno: se V. Ex.^a deixa aquecer demais o seu cerebrozinho, arderá tôda no fogo das mais violentas paixões e não serão suficientes os 1600 *Sapeurs-Pompiers* de Paris para extinguir incendio tão voraz.

Está escrito que hade casar duas vèzes. A primeira será um pouco contra sua vontade, casamento mais de conveniencia que d'inclinação. A sua dextra conjugar-se-ha com a do seu primeiro marido mas a flôr da sua alma estará, nêsse momento, desabrochando noutra jardim! E' a occasião de têr mais prudencia e juizo do que o proprio Salomão quando mandou cortar ao meio o lendario pimpôlho que, tendo duas mães, deveria têr nascido duas vèzes. A menina deve sofrêr o seu primeiro espôso e não o fazêr sofrêr; tanto mais que o não atura muito tempo: o homem, a breve trêcho, irá povoar o Astral.

O segundo será feliz com a consulente, a consulente com êle e ambos com os muitos filhos que terão e entre os quaes V. Ex.^a, muito velhinha, expirará ditosa.

O que acabo de profetizar-lhe é talvez a melhor resposta ao que se refere no fim da sua carta, Lembra-se? *A unica ambição em pouco espaço de tempo!*

Hade têr uma doença, para tratamento da qual sofrerá queimaduras com térmo-cauterio!

Vou agora explicar-lhe a razão do seu defeito fisico.

Em 1798, governando a França o celebre Directorio, do qual, segundo afirma a canção, Barras era rei e Lange a rainha, vivia em Paris uma linda rapariga, loira como um trigal, de labios frescos e vermêlhos como um morango recentemente colhido e cujos olhos de côr de safiras de Golconda, brilhavam como dois soes engravados num rosto oval e branco e puro como a alma dum recém nascido. Requestada por um incógnito que comia os *r r* para, coitado, comêr alguma coisa, a linda pequerrucha deixou-se ir átraz das cantigas do malandrim e amou-o. Quiz-lhe doida, perdidamente; e quando êle, um anno depois, a abandonou como se éla fóra um par de luvaz ensebado ou um livro de paginas amarelentas e rasgadas que já se leu mil e uma vèzes, para ir dar a mão de espôso á filha dum mercieiro da rua S. Denis e poder assim satisfazêr as urgencias do estomago com alguma coisa mais do que *r r*, que afinal, por serem letras duras, infligem o martirio da dispe-

psia a estomagos de diamante; éla a moça d'olhos cerúlios, a princesa dos cabêlos doiro, vilipendiada, ferida no ponto mais sensível dêsse ideal de felicidade que se desmoronava e caia como um roble secular atingido pelo raio; éla, ao sabêr que a sua rival ia sêr mãe, exclamou:

«Que o producto dêsse amor que me escalpêla a alma e me dilacêra o coração, nasça hediondo, monstruoso, aleijado; e que os defeitos fisicos do filho sejam causa da cons-tante amargura dos paes!...»

Dois mezes depois, a criança nascia, deformada, cõxa; e nêsse mesmo momento a rapariga abandonada, o ente que tinha pedido a terrivel praga ao innocente, entregava a alma ao Criador! O seu espirito vogou, durante muitas dezênas d'annos, sôbre as etêreas ondas do mar da Eternidade; era triste e amargurado porque vergava ao pêso do Remorso!

Pensava que a sua dôr não teria fim, que fosse eterno o seu castigo!

Uma tarde, foi nos primeiros dias de Outubro de 1883, viu diante de si um anjo resplandecente de luz; brilhava-lhe no rosto celestial, simultaneamente, a Piedade, a Esperança e a Dôr!

«Mulher — exclamou o anjo dirindo-se á coitada, — vaes renascêr outra vez para a vida terrêna; re-encarnarás amanhã no corpo duma criança que será mais tarde uma mulher intelligente, afavel e bõa, mas... em castigo do teu passado crime, entrarás no mundo com o mêmno aleijão que outrora pediste para um desgraçado que mal algum te houvéra feito!

Effectivamente, no dia seguinte, nascia uma criança com o *pê direito mais curto que o esquerdo e tendo dois dêdos ligados (sindactilia)*...

Tudo se paga!

G. C.

Veja-se nas capas a senha de consulta e demais requisitos.

Semana Alegre

Um toque de campainha:

— Quem é?

— Não mora aqui um sujeito que morreu a semana passada.

— Não senhor; é na porta fronteira.

VARIEDADES

Bolos de amendoas. — Deite-se n'uma meza um litro de farinha; faça-se um buraco no meio, deite-se n'elle um pedaço de manteiga do tamanho d'um ovo, quatro ovos inteiros, uma pitada de sal, 125 grammas de assucar em pó, 150 grammas de amendoas pisadas miudamente, amasse-se tudo junto e forme-se um bolo vulgar.

Cosa-se, polvilhe-se d'assucar e passe-se por cima a pá em braza para o queimar.



QUAL É A COISA,

QUAL É ELLA?

O CONCURSO DA 2.^a SERIE
Quem ganhou os premios.
Um tinteiro de prata e o titulo
de campeão.
O 2.^o e 3.^o premios



1.^o Premio — Um tinteiro de prata

Os premios restantes cabem :

2.^o Premio — As duas series
 do «Azulejos» encadernadas
 em percalina, ao Ex.^{mo} Sr.
 Luiz Silveira (Sombrio), re-
 sidente em Setubal.

3.^o Premio — Uma assignatura
 gratuita para a 3.^a serie ao
 Ex.^{mo} Sr. Abilio de Sousa
 (Bailio), residente no Porto (Hos-
 pital do Bomfim).

Os dois primeiros premios podem
 ser requisitados n'esta redacção em
 qualquer sabbado, das 8 ás 9 da
 noite.

O GRANDE CONCURSO
DA 3.^a SERIE

Cinco premios

- 1.^o — Um relógio d'ouro (Ze-
nith).**
- 2.^o — Uma palmatoria de prata.**
- 3.^o — Uma biscoiteira.**
- 4.^o — Uma collecção do «Azulejos»
encadernada em percallina.**
- 5.^o — Uma assignatura gratis para a
4.^a serie.**

Condições do Concurso

- 1.^a — Decifrar, durante os 15 numeros da 3.^a
Serie, maior numero d'artigos, alem de 150.**
- 2.^a Para que os nossos leitores possam
concorrer em grande maioria resolvemos mo-
dificar a 2.^a condição do concurso, augmen-
tando-lho o prazo, assim:**
 Poderão enviar-nos as decifrações durante
 um intervalo de 15 dias, a contar da data da
 sua publicação.

A lista dos decifradores e as soluções dos
 artigos publicados são dadas de 4 em 4 nu-
 meros.

As decifrações devem ser enviadas pelo
 correio cintando a pagina do semanario e
 pondo-lhe uma estampilha de 5 réis.

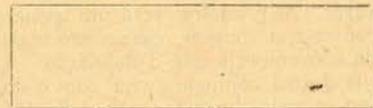
Para que todos possam concorrer, não da-
 mos ainda n'este numero as decifrações da
 3.^a serie.

Charadas

Novissima

Na cosinha consinto esta cidade para ter
 confiança em mim-1-1-2.

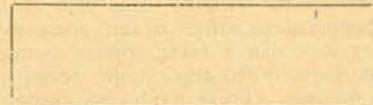
TIRA MITRAS & C.^a



Duplas

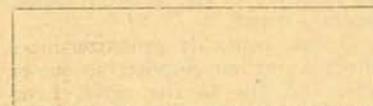
A herva vem d'esta republica-4.

AÇNAREPSE



Flôr e planta-2.

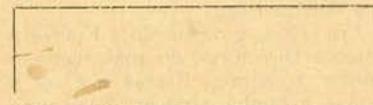
PUMPUM



Syncopada

3-Não é cara esta veste-2.

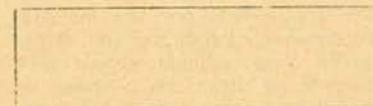
STOCK



Bisada

3-Nas machinas de costura se vê o
 creme-2.

LITRAS



Truncada

O pedaço do apellido-2.

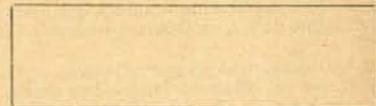
CHAMPION



Transposta

Palmeira espinhosa da America-2.

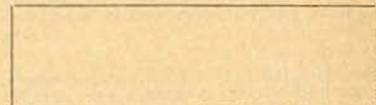
DIVINO



Augmentativa

Fructa-2

TEACHER



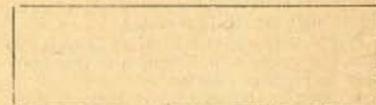
Enygmas

Por iniciais

T D E S G

2 1 3 2 3

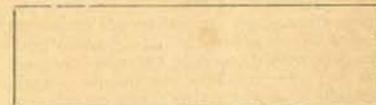
OJUARA



C C M E F B A D

2 1 4 1 2 1 1 3

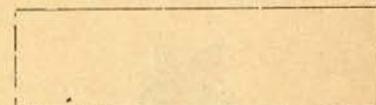
BAILIO



D D F É C D D O E V

3 1 2 1 2 2 1 2 1 1

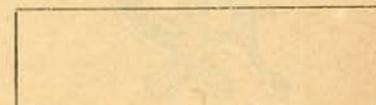
J. P.



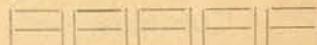
A L N D A L

1 2 1 3 1 2

SADO



De palitos



Tirando 9 palitos fica um instrumento.

REI DOS DOIDOS



Artigos a decifrar, 13.

Grande Alfayataria
TESOURAS DE OURO

ALFREDO V. ROSA

Rua da Palma, 140, 142 e 144

Completo sortimento de fazendas
nacionais e estrangeiras.

Fatos elegantes e de boas fazen-
das desde 6\$000 reis.

MESTRES DE CÔRTE DE 1.º ORDEM

A melhor alfayataria de Lisboa

Dá senhas do Bonus Universal

A. P. FERRAZ

Chapeus para senhora e creanças

RUA DO OURO, 231

(Primeiro quarteirão vindo do Rocio)

Aluga-se

Ao meu amigo Severim de Moraes.

1.º FADO

da Peça "Auto da Misericórdia"

de SEVERIM DE MORAES.

Musica de ALFREDO MANTUA.

PIANO
E
CANTO.

Não te cances a s'fu...dar To_ma

ten...to com a mor_te Não te cances a s'fu...dar To_ma

ten...to com a mor_te Que passar ou não pas...sar É

tu...do ques.tão de sor...te Que pas...sar ou não pas...

1. 2.
sar É tu...do ques.tão de sorte sorte

Todos os numeros publicam um trecho de musica